

PESQUISA E ENSINO EM FILOSOFIA: PENSANDO A PARTIR DO EXEMPLO¹

RESEARCH AND TEACHING IN PHILOSOPHY: THINKING FROM EXAMPLE

Marta Nunes da Costa²

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v3i2.139>

RESUMO: O texto propõe uma reflexão crítica sobre a pesquisa e o ensino em Filosofia a partir da necessidade de clarificar três questões fundamentais: o que é pesquisa, o que é filosofia e o que significa pesquisar o ensino de filosofia. A investigação filosófica é apresentada como resposta a um incômodo originário — o espanto, a dúvida e o desejo de saber — cuja figura exemplar é Sócrates, compreendido menos pelo conteúdo de seus ensinamentos e mais por sua postura ética de humildade diante do não-saber. A partir de uma leitura simbólica do mito do Gênesis, o texto interpreta Eva como figura da Filosofia, entendida como gesto de rebeldia frente à ordem dada e como desejo humano de “tornar-se Deus” por meio do conhecimento do bem e do mal. Essa rebeldia, porém, revela um paradoxo constitutivo da filosofia: a tensão entre o desejo de saber absoluto e o reconhecimento dos limites humanos. A condenação de Sócrates marca, nesse sentido, o surgimento do conflito entre filosofia e política, analisado à luz das reflexões de Hannah Arendt sobre verdade, espaço público e poder. O texto defende que, diante desse conflito, a filosofia historicamente precisou redefinir-se, muitas vezes ocultando-se ou adaptando-se à mentira. Na segunda parte, são discutidas três concepções de filosofia, como ideologia, como arte de definir conceitos e como busca da verdade, e suas implicações distintas para o ensino e a pesquisa em filosofia. Argumenta-se que cada definição engendra finalidades, métodos e práticas pedagógicas específicas. Por fim, o autor sustenta que compreender explicitamente a concepção de filosofia adotada é condição indispensável para conferir sentido, coerência e finalidade ao ensino e à pesquisa filosófica, especialmente no âmbito da formação docente.



- 1 Palestra proferida no dia 15 de agosto de 2025, no auditório da UFMS, no âmbito do Seminário de Filosofia e aula inaugural do Prof-Filo.
- 2 Professora de Filosofia na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Coordenadora do Prof-Filo (UFMS). Bolsista de produtividade do Cnpq.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de filosofia; pesquisa filosófica; Sócrates; verdade; ideologia.

ABSTRACT: The text offers a critical reflection on research and teaching in Philosophy by addressing three foundational questions: what research is, what philosophy is, and what it means to research the teaching of philosophy. Philosophical inquiry is presented as arising from an original uneasiness — wonder, doubt, and the desire to know — whose exemplary figure is Socrates, understood less by the content of his teachings than by his ethical stance of humility before non-knowledge. Through a symbolic reading of the Genesis narrative, the text interprets Eve as a figure of Philosophy, understood as rebellion against a given order and as the human desire to “become God” through the knowledge of good and evil. This rebellion reveals a constitutive paradox of philosophy: the tension between the desire for absolute knowledge and the recognition of human limits. Socrates’ condemnation marks the historical emergence of the conflict between philosophy and politics, examined in light of Hannah Arendt’s reflections on truth, the public realm, and power. The text argues that, faced with this conflict, philosophy has historically been forced to redefine itself, often adapting to falsehood or concealing its original vocation. In its second part, the text discusses three conceptions of philosophy, philosophy as ideology, philosophy as the art of defining concepts, and philosophy as the search for truth, and analyzes their distinct implications for teaching and research. It contends that each conception generates specific aims, methods, and pedagogical practices. Finally, the author argues that explicitly clarifying the conception of philosophy one adopts is an indispensable condition for ensuring meaning, coherence, and purpose in the teaching and research of philosophy, particularly in the context of teacher education.

KEYWORDS: philosophy teaching; philosophical research; Socrates; truth; ideology.

Introdução

Falar de pesquisa e ensino em Filosofia obriga, antes de mais, a clarificar a) o que é pesquisa; b) o que é filosofia; c) o que é pesquisa em ensino de filosofia.

A pesquisa começa com o levantar de uma questão; com a objetivação de um problema, com o reconhecimento de um incômodo.

O incômodo é aquilo que é suscitado pela dúvida, pelo espanto, pela curiosidade; a busca do limite, o desejo de saber até onde podemos ir, até onde podemos chegar no conhecimento... Replicamos os passos de Sócrates e compreendemos a necessidade que Platão deve ter sentido de fazer esse registro, pois Sócrates não é apenas aquele Sócrates histórico, o personagem que se funde com a pessoa; ele é também a representação de algo que todos temos, potencialmente, em nós mesmos. Porque Sócrates se torna exemplo? Parece-me que seu caráter exemplar se deve não tanto ao que ele “ensinou” positivamente, já que ele não ofereceu respostas; mas sim ao que ele ensinou por sua conduta, e que a meu ver se resume a uma palavra: humildade.

Chegamos a um aparente paradoxo, ainda no início de nosso caminho filosófico: como conciliar a filosofia, ou seja, o desejo de saber (que é, como mostrarei de seguida, um desejo) de se tornar Deus - com a humildade, isto é, com o reconhecimento de que não se sabe? Peço que tenham paciência comigo e me deixem contar uma história, ou talvez, apontar para o início de todas as histórias e estórias ...

Uma estória dentro da História ...

Na história de Genesis, é-nos dito que Deus criou o homem e a mulher e os colocou no Jardim com a tarefa de cuidar e preservar a ordem estabelecida. A mulher, que não havia escutado Deus diretamente, escutou por sua vez a serpente...

Lemos em Genesis 3:

Ora, a serpente era mais astuta que todos os animais do campo que o senhor Deus tinha feito, e esta disse à mulher: é assim que Deus disse: não comereis de toda a árvore do jardim?

E disse a mulher à serpente: do fruto das árvores do jardim comeremos, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: não comereis dele nem nele tocareis para que não morrais.

Então a serpente disse à mulher: certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal.

E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do fruto e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela.

E sabemos o que aconteceu depois. Abriram-se os olhos e viram que estavam nus, e taparam-se e esconderam-se de Deus. Não entrarei nas ramificações específicas deste acontecimento, apenas nas gerais.

O que representa a serpente? A serpente representa a dúvida, a possibilidade, o Outro. E como a mulher recebe ou acolhe o que lhe é dito? Com curiosidade, interesse e desejo: a possibilidade suscita o desejo de se tornar Deus... afinal, conhecer o bem e o mal é o que nos torna deuses. A mulher escolheu provar do fruto e além disso deu-o a provar a Adão, o primeiro homem.

Adão representa a Verdade na Revelação; Eva, a primeira mulher (que ainda não tinha nome) representa a Filosofia: afinal, não é isso a Filosofia? O não se acomodar na resposta dada, o não aceitar a ordem imposta? Não é a Filosofia um ato de rebelião, um ato de rebelião contra Deus?

Quando comecei a dar aulas na UFMS dizia muitas vezes, no início do semestre “Bem vindos à Filosofia, a casa dos rebeldes”. Intuitivamente sempre *soube* isso. Mas como eu explicava essa rebeldia, variava consoante o momento histórico, situado. Exploremos esta ideia, de que a Filosofia é a casa dos rebeldes. O que isso significa?

Em primeiro lugar, que os rebeldes - aqueles que fazem Filosofia - são arrogantes. Eles se convencem que têm as respostas para tudo; que conseguem resolver os problemas. Na história da Filosofia vemos isto - a competição entre filósofos, cada um no seu pedestal, cada um tentando ser Deus, isto é, cada um substituindo Deus pela sua “explicação” e substancialização de “ordem” (pois não existe vida sem ordem). Cada filósofo tenta sobrepor-se ao anterior; essa tem sido a dinâmica. Mesmo quando observamos a aparente modéstia de alinhamento à “tradição”, surgem de imediato as críticas, o dedo apontado aos lapsos, às falhas... a denúncia de que afinal, aquela ordem “falhou” pois não é perfeita. A lembrança de que, afinal, os filósofos também são humanos, e apesar de serem fruto da escolha de Eva, não conseguem efetivamente “conhecer o bem o mal”, e portanto, não conseguem ser deuses. Conseguem apenas *simular*.

A simulação, porém, tem sempre um tempo contado, pois é sempre uma questão de tempo até que alguém desmascare a dissociação entre o ser e o parecer e/ou aparecer. Quando alguém tem medo de ser desmascarado, então, pode disponibilizar-se para tudo, até para matar. E não foi isso que

aconteceu com Sócrates? E não foi isso que aconteceu com a expulsão do Jardim?

Hannah Arendt escreveu bastante sobre a questão política e a tensão com a Filosofia. Essa tensão, ou melhor, esse abismo, nasceu com a condenação e morte de Sócrates. Se a Filosofia é amor à sabedoria, se a filosofia é exercício para que cada um aprenda a ser melhor, a ser *aperfeiçoar*, não depende então de tornar a verdade pública? De partilhar a verdade? Não deveria a política, aquela esfera de ação que se ocupa do comum e da ordenação do comum, se importar com a verdade? O que a História ensina de modo retumbante é “Não”. E quando a verdade, que começa por dizer o que é, se torna um perigo - inclusive um perigo de morte - a Filosofia precisa reajustar sua missão, redefinir-se, ou, o que alguém poderia dizer, a filosofia precisa *mentir para si, esquecer-se de si, adaptar-se à mentira*. Seria uma segunda rebeldia. E não é esta segunda rebeldia a consequência necessária da primeira, já que ao querer “conhecer o bem e o mal” julgámos ter em nossas mãos os critérios últimos que definem *o que é o bem e o que é o mal*? Como alguém pode OUSAR contestar nosso critério?

Sócrates ousou e morreu por isso.

Por isso, não deixa de ser curioso que ao longo da história da filosofia este personagem se tenha mantido, quer na periferia, quer no centro de tudo o que fazemos. Ele é a sombra que assombra, que causa desconforto; como uma lembrança daquela ousadia mais sincera que culminou no reconhecimento da nossa impossibilidade de conhecer. Sócrates é o exemplo que mais causa desconforto, não pelo que ofereceu, mas pelo que mostrou - a humildade. E é a humildade que nasce da Filosofia e que é seu ultimo destino que mostra, também, seu limite e limitação.

Aqueles que já tiveram aulas comigo sabem o que penso. Vejo o Mestrado Profissional de Filosofia (Prof-Filo), um mestrado que é voltado para professores, como uma oportunidade para que cada um volte ao início e responda, para si, *o que é a filosofia*. Se não tivermos consciência da definição de filosofia que estamos a adoptar, nosso trabalho corre sempre o risco de se tornar vazio, de ser levado pelo vento, de não ter raízes. A reflexão sobre o ensino de filosofia - sobre aquilo que estamos fazendo - obriga sempre a responder a essa questão anterior. A filosofia é busca da verdade? Busca da sabedoria? Qual a diferença entre sabedoria e conhecimento? A filosofia é “disciplina”, série histórica de conteúdos? A filosofia é definição de conceitos? A filosofia é ideologia? Como fruto da minha pesquisa sobre ensino de filosofia publiquei vários artigos e livros que podem consultar

em outro momento. E como disse em outras ocasiões, só depois de ter isto claro pode cada um definir seu caminho no ensino e seu método: pois da definição depende a clarificação da finalidade.

Definindo o conceito de Filosofia

Entremos na segunda parte da minha comunicação. Tendo definido o que é a filosofia, podemos clarificar sua finalidade. Quero dar exemplo a partir de três definições:

- Filosofia é ideologia.
- Filosofia é arte de definir conceitos.
- Filosofia é busca da verdade.

1. Filosofia é ideologia. Esta equiparação foi feita primeiro por Marx e, num certo sentido, é aquela que nos acompanha e que está de modo mais presente até aos dias de hoje. Dizer que a filosofia é ideologia (inicialmente como crítica aos filósofos anteriores) é propor, simultaneamente, uma nova definição de filosofia: como *crítica às ideologias*. Como expliquei em outro momento³, isso supõe aderir a uma visão de mundo (ideologia) que tem como seu horizonte normativo (seu dever-ser) o imperativo da transformação social. Vemos isso em todos os textos da educação brasileira.

Partindo desta definição, como eu penso o ensino de Filosofia e sua finalidade e, por outro lado, a pesquisa na área? Penso o ensino de filosofia como espaço para tornar visíveis, conscientes, as contradições que assolam a sociedade. Neste sentido a escola vai ser vista como instituição por excelência onde a leitura política e ideológica do mundo acontece. A história da filosofia pode ser usada para caracterizar os conceitos que delimitam nossa análise do real, seus impactos e limitações. A pesquisa no ensino de filosofia que parte destes pressupostos vai incidir sobre as condições “objetivas” que precisam ser alteradas, oferecendo aos “alunos” meios “intelectuais” e conceituais de contribuir para essa transformação.

Observe-se que neste paradigma não está posta a questão da verdade nem da definição propriamente dita, a não ser de modo apenas instrumental (a verdade é postulada; a definição reduzida a meio da luta).

2. Filosofia é arte de definir conceitos. Podem encontrar esta definição na obra “O que é a filosofia?” de Deleuze e Guattari. Se aderirmos a esta definição temos nossa tarefa - enquanto professores - mais clara:

3 Ver *Ideias em Guerra - das origens ao fim do Ocidente*, São Paulo: LiberArs, 2025.

nosso papel não é levantar a questão metafísica ou ontológica da verdade, mas sim dar conta do processo de conceituação levado a cabo por cada filósofo. É um método claro que obriga a ter clareza: pois *dizer o que é significa estabelecer o limite*. A definição não permite ambiguidade. Isso ajuda na tarefa do professor de filosofia - que pode tratar a história da filosofia à luz da história dos conceitos propostos por vários filósofos; mas também na tarefa da pesquisa: o que queremos procurar? Como cada filósofo define os conceitos! E o que queremos ensinar? Como cada filósofo define os conceitos! Há assim uma convergência entre a tarefa do ensino e da pesquisa.

3. Filosofia é a busca da verdade. Eu diria que esta é a definição mais desafiadora e talvez mais ambiciosa, sobretudo quando queremos trazê-la para sala de aula. Ela é desafiadora porque precisamos partir de uma definição de “verdade” - e é justamente aqui que o embate começa. Num mundo marcado pelo relativismo moral - para o qual a história da filosofia contribuiu significativamente - parece existir uma resistência automática a qualquer coisa que seja “definitiva”. E a verdade é definitiva. Como dizia Arendt, a verdade é tirânica, ela não se reduz a opinião nem interpretação de fatos. Neste sentido, a verdade é o oposto da filosofia, já que a filosofia prospera na multiplicidade das visões, perspectivas, interpretações, teorias... então poderíamos dizer que a filosofia como busca da verdade procura, em última análise, anular-se? Ou superar-se? Dito por outras palavras, a filosofia tem como seu fim, seu *telos*, algo não-filosófico (algo não “discutível”)? Sim. Tal como os fins da educação podem não se esgotar na própria educação, também os fins da filosofia nos podem conduzir *para lá* da filosofia.

Deixem-me abordar esta questão por outro prisma - pelo prisma do sujeito que busca a verdade. Este sujeito pode ser o professor - que ensina e faz pesquisa - e pode ser o aluno. O curioso é que, ao contrário das definições anteriores que, de algum modo, colocam o professor num lugar privilegiado, pelo menos no sentido em que eles sabem, de antemão, como os filósofos definem os conceitos ou as ideologias, e portanto têm uma vantagem temporal sobre os alunos, nesta conceituação de filosofia como busca de verdade parece existir uma igualdade potencial. Porque eu digo “igualdade potencial” entre professor e aluno? Porque a possibilidade de buscar a verdade depende da *escolha individual*. Tal como o aluno precisa escolher aprender, escolher ter atenção, colocar a sua atenção e o seu foco naquilo que está fazendo, também o professor precisa escolher a abrir-se para o caminho da Filosofia. Isso coloca-os em pé de igualdade, no

sentido da abertura e da humildade. Na medida em que a verdade pode ser descoberta - ou revelada - ela escapa ao controle absoluto da mente humana, de suas “trapaças intelectuais”. Isto conduz-nos a outro elemento importante, a saber, que a verdade não se reduz à lógica. Se a verdade se reduzisse à lógica então o sistema perfeito seria totalitário - como aliás, bem demonstrou Arendt no último capítulo de *Origens do Totalitarismo*, intitulado “Ideologia e terror”. O fascínio da lógica leva-nos a aceitar conclusões das premissas que postulamos como “verdadeiras” mas que podem muitas vezes negar a realidade e negar aquela dimensão *única* dos seres humanos que é sua potencialidade moral. O fascínio da lógica leva-nos a acreditar que a razão - reduzida à lógica - pode moldar o real a seu bel-prazer; que os indivíduos são apenas massas disformes, elementos substituíveis, que podem ser sacrificados pelo Movimento ou pela Necessidade Histórica. Ao aderir a uma concepção da filosofia enquanto busca da verdade, o sujeito - professor ou aluno - blinda-se desse fascínio, desse potencial abismo que nega, em última análise, sua humanidade.

Não preciso entrar aqui na questão do que é esta verdade, de como ela pode ser vivida, reconhecida, experienciada; nem de como ela entra em choque com sistemas filosóficos absolutos (mesmo que se diga que são provisórios). Quero apenas sublinhar que destas três concepções de filosofia derivam sentidos e práticas muito distintas de ensino, de ensino de filosofia, e de pesquisa de filosofia.

Conclusão

Esta brevíssima apresentação é, na verdade, o culminar de um longo processo de pesquisa e de ensino em Filosofia: a referência a Genesis está presente no meu último livro intitulado *Ideias em Guerra* (2025); a referência ao conceito de ideologia está presente também em *Ideias em Guerra* e num outro livro intitulado *Ideologia, Ciência e Educação* (2025), fruto de pesquisa com o mesmo título que incluiu vários orientandos e egressos do Prof-Filo, assim como do PPG de Ensino de Ciências da UFMS. A referência à filosofia como prática de atenção está num artigo sobre Simone Weil e Jacques Rancière (*Eleutheria - Revista do Mestrado Profissional de Filosofia* da UFMS). A referência a “Ideologia e terror” em Arendt está presente em vários momentos dos meus livros mais recentes (como *Despotismos Democráticos*, 2021) e das minhas aulas de graduação. A referência a Sócrates e à filosofia como modo de vida tem moldado minha

atuação no ensino em filosofia, mas também na área de ensino de ciências (2024).

Ensino e pesquisa em filosofia são, com certeza para mim, uma experiência e um testemunho biográfico. Não é separável de quem eu sou, pois eu sou o que digo e o que faço. E esse é o *exemplo* que eu espero dar a todos aqueles que passam por mim, de forma mais direta ou indireta. Sejam o exemplo que gostariam de ter tido ou que tiveram. Excedam-se, mas nunca se deixem ofuscar pelo brilho temporário que algumas promessas de alguns sistemas filosóficos apregoam. Cultivem raízes - que darão frutos no trabalho dos vossos alunos e na vida dos vossos filhos. Filosofia é amor, amor à sabedoria. E não tem sabedoria sem humildade.

Referências

Nunes da Costa, M. *Ideias em Guerra - das Origens ao Fim do Ocidente*. São Paulo: LiberArs, 2025

Nunes da Costa, M. *Ideologia, Ciência e Educação*. São Paulo: LiberArs, 2025

Nunes da Costa, M. *Despotismos Democráticos*, São Paulo: LiberArs, 2021

Nunes da Costa, M. Vida Filosófica e a busca pela verdade – um diálogo entre Heidegger e Foucault. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 38, p. 1–22, 2024.

Rios Alves Nunes da Costa, M. (2024). Filosofia e atenção. *Eleutheria - Revista Do Mestrado Profissional Em Filosofia Da UFMS*, 8(15), 173 - 187.

da Costa Nunes, M. 2024. El paradigma de los griegos: una interpretación foucaultiana del cuidado. *Disputatio*. 13, 28 (dic. 2024), 1-21. DOI:<https://doi.org/10.63413/disputatio.936>.